



*A cultura permanece em  
jovens como Davi Bitsywa*

## a travessia dos canoieiros

*Michel Blanco*

*Fotos: Ademir Rodrigues*

Aldeia Pé de Mutum, Terra Indígena Japuira. Sentados em roda, anciões Rikbaktsa preparam-se para mais um dia de celebração. É o ritual da estação chuvosa, quando o milho começa a amadurecer e o mel está prestes a ser colhido. Uns pintam o rosto com urucum; outros aguardam a vez, ajeitando as penas dos cocares e as lâminas de folhas que dão timbre às flautas de bambu. “Festa é assim, o pessoal fica animado. Vai dançar, vai cantar. É muito bonito”, diz, sorrindo, Salvador Tsetsemy, um dos mais velhos do grupo. Todos estão alegres, riem fácil. A cerimônia expressa a dinâmica do universo social e mítico de uma cultura rica, complexa, resistente. Acompanha o ritmo das atividades agrícolas (assim como há a festa da chuva, há a festa da seca) e depende da oferta de alimentos. “Enquanto tiver ‘bóia’, tem festa”, afirma Francisco Pokze, cacique da aldeia. Suas danças, músicas e ornamentos atingem uma elevada sensibilidade estética. O som das flautas e o entrelaçado de fios de algodão e embira a sustentar penas de cocares sofisticados revelam, no entanto, muito mais que busca pela beleza: é a parte visível da trama secreta que une o modo de ser rikbaktsa à natureza, em coexistência íntima.

**Região** norte de Mato Grosso **Municípios** Brasnorte, Juara e Cotriguaçu **Área** 401.382 hectares **População** cerca de 1.300 pessoas **Etnia** Rikbaktsa **Língua** rikbaktsa, tronco macro-jê

O etos guerreiro dos Rikbaktsa mantém-se desperto e se defronta com forças que extrapolam os limites das matas. Sua maior luta, hoje, é recuperar a dignidade étnica, em meio a transformações ocorridas na sociedade ao seu redor e às quais estão sujeitos. Apesar de pressões externas desagregadoras sofridas ao longo dos anos pós-contato, os Rikbaktsa conseguem se manter unidos sob um sentimento profundo de identidade. Entretanto, o temor de que os jovens percam a conexão com sua ancestralidade impulsiona os anciões a buscarem meios para garantir a transferência de seu legado. “Se não fossem os velhos, a gente não seria mais Rikbaktsa”, avalia Francisco. Porta-voz dos anciões nessa iniciativa, Geraldino Matsi, pai de Francisco, quer documentar em vídeo a grande festa da perfuração do nariz e da parte superior da orelha dos garotos, no período da seca, a partir de maio. “É pra passar na escola, pra mostrar como a gente é”, afirma ele. Originalmente, a cerimônia também marcava a perfuração dos lóbulos das orelhas dos homens, rito que não acontece mais devido ao desinteresse dos rapazes (assim como atualmente cada vez menos mulheres tatuam braços e rosto). Esse símbolo de orgulho é portado apenas pelos velhos, uma minoria de aproximadamente 30 homens em uma população de cerca de 1.300 pessoas. Em acordo com a falta de imposições na cultura rikbaktsa, Salvador diz que a decisão é dos jovens. “Eles é quem sabem, porque sofre um pouco, mas depois melhora.” Ele, porém, não esconde seu desejo: “Eu iria gostar.”

Habitantes da bacia do rio Juruena, no noroeste do Mato Grosso, os Rikbaktsa vivem em duas terras indígenas contíguas – Erikbaktsa e Japuira – e em uma terceira, mais acima, a Terra Indígena do Escondido. Juntas, elas totalizam uma área de 401.382 hectares de mata amazônica e abrigam mais de 30 aldeias, distribuídas ao longo dos rios Juruena, Sangue e Arinos, que circundam o território. Rikbaktsa significa “os seres humanos”. Falantes de uma língua isolada, incluída no tronco lingüístico macro-jê, também são conhecidos como “canoeiros”, em referência a sua

habilidade na canoagem, ou como “orelhas de pau”, em razão das rodela de caixeta introduzidas nos lóbulos alargados das orelhas. Assim como em várias outras línguas indígenas, há diferença entre a fala masculina e a feminina: a terminação de muitas palavras indica o sexo do falante.

Sua sociedade divide-se em duas metades, a da arara vermelha (Makwaratsa) e a da arara cabeçuda (Hazobiktsa), uma espécie de arara vermelha. Cada metade, por sua vez, é dividida em vários clãs. Os casamentos são realizados entre as metades – o matrimônio entre membros da mesma metade é considerado incestuoso. O casamento preferencial é entre primos cruzados e a regra de residência é o noivo morar com os pais da noiva. A monogamia é a regra geral dos relacionamentos, embora a poligamia possa ser praticada. O divórcio é comum, sobretudo nos primeiros anos da união, e pode ser facilmente conseguido por qualquer um dos cônjuges.

As primeiras menções aos Rikbaktsa são do final da década de 1940, época das frentes de seringueiros. Seu espírito guerreiro, no entanto, era bem conhecido pelos grupos indígenas vizinhos, com os quais mantiveram relações hostis, quase sem exceção. Entre 1957 e 1962, foram “pacificados” por jesuítas financiados por seringalistas, após anos de oposição armada. Apesar das datas registradas, os Rikbaktsa celebraram em 2005 cem anos de contato com a sociedade envolvente, cerimônia à qual esteve presente o Presidente da Funai, Mércio Pereira Gomes. O afã de aculturação das expedições jesuíticas causou profundo impacto desarticulador sobre os índios. Ao mesmo tempo, propiciou as condições para sua recuperação física, depois da mortandade advinda do contato com o branco.

“A escolha era entre a catequese pelas mãos dos jesuítas e a morte certa pelas mãos dos seringueiros”, diz o antropólogo Rinaldo Arruda, autor de diversos estudos sobre os Rikbaktsa, incluindo os relatórios de identificação das terras indígenas do Japuira e do Escondido. Nos primeiros anos do contato, a maior parte das crianças pequenas foram retiradas das aldeias



*Salvador Tsetsemy,  
portando o tradicional  
myhara, cocar feito  
de penas, pêlos e  
algodão trançado*

e educadas no Internato Jesuítico de Utiariti, situado às margens do rio Papagaio, 200 km distante da área. Os adultos foram gradativamente transferidos de suas aldeias originais para aglomerações maiores, sob a direção dos jesuítas. Apenas a partir de 1968, quando foi demarcada a Terra Indígena Erikbaktsa, as crianças começaram a ser trazidas de volta. Embora benéfica em alguns momentos, a relação com a Igreja passou por atritos até culminar, há poucos anos, na saída do último padre entre os Rikbaktsa.

A convicção étnica dos anciões, rapazes na época do contato, alimenta o esforço atual de seu povo em reafirmar sua tradição. Mas o desafio vai além da defesa cultural. Trata-se de adaptar seu modo de vida à realidade atual, conservando o que consideram mais valioso para sua existência. O primeiro passo nessa mobilização foi começar a assumir o controle das ações promovidas pelos missionários em seu território, das atividades produtivas à educação.

Para Arruda, os Rikbaktsa estão em “movimento de pêndulo”, recriando-se em um processo de releitura. “Não é uma defesa cega da tradição. Eles não querem voltar a viver como viviam antigamente. Continuam guardando um nexos com seu modo ancestral de ser, de se relacionar com o meio, e ao mesmo tempo são, naturalmente, contemporâneos. De certa maneira, é um trabalho de criação: estabelecer um nexos entre sua cultura e o mundo moderno.” Na área da educação, por exemplo, os Rikbaktsa deixam clara sua tentativa de harmonizar a perpetuação da cultura com os desafios do futuro. Ao todo, são nove escolas espalhadas em suas terras, que funcionam em parceria com o governo do estado de Mato Grosso e dos municípios ao redor da área. Nelas, cerca de 20 professores da própria comunidade dão aulas para o ensino fundamental de línguas (Português e Rikbaktsa), Matemática e Ciências Naturais – matéria em que o conhecimento tradicional da natureza é transmitido para as novas gerações. Boa parte do povo é alfabetizada. Este ano, nove professores Rikbaktsa concluirão o curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Mato Grosso, para atender à demanda do ensino médio nas aldeias. “Todos eles têm o compromisso de voltar à comunidade”, explica Francisco das Chagas Cavalcanti, chefe de posto da Funai na Terra Indígena Erikbaktsa. Além de nas escolas, o grande ensino continua a ser feito na prática, na realização de tarefas diárias, na ida às matas, na travessia dos rios.

A natureza é a grande fonte de recursos dos Rikbaktsa, que são mais caçadores e coletores do que agricultores, embora cultivem roças variadas, de acordo com o ciclo anual que orienta seus rituais. Plantam milho, batata-doce, cará, cana-de-açúcar, amendoim e abóbora, além de algumas frutas. Quase todos os animais silvestres fazem parte de sua dieta, com poucas exclusões, como jacaré, cobra, onça, tamanduá-bandeira e “macaco da noite”. À exceção deste último, todos os demais tipos de macacos são o





alvo preferencial de suas caçadas. Para os Rikbaktsa, a pessoa que desvirtua sua cultura, ao morrer, não completa a travessia para o plano espiritual e reencarna em alguns animais, justamente naqueles excluídos de seu cardápio, ou até mesmo em “brancos”.

A divisão do trabalho se dá basicamente entre homens e mulheres, mas a coleta é atividade comum a todos, inclusive crianças, e praticada diariamente. São colhidas frutas, sementes, palha, madeira e plantas medicinais. Entre os alimentos coletados, a castanha é o mais valioso à dieta Rikbaktsa. Também possui grande importância para a renda monetária da comunidade. Nas suas relações comerciais com a sociedade envolvente, vendem principalmente castanha, e também artesanato, pequenas quantidades de peixe, óleo de copaiba e borracha. Em meio ao desmatamento desenfreado provocado pelas frentes de expansão, os Rikbaktsa são um dos poucos povos a negar associações com o modelo agropecuário vigente. Continuam a resistir ao assédio de madeireiros, cada vez mais freqüentes. Buscam saídas econômicas que possam garantir a subsistência das novas gerações, por meio de projetos econômicos auto-sustentáveis. Em 1995 criaram a Associação Indígena Rikbaktsa (Asirik), para implementar programas financiados pela Funai e outros órgãos governamentais e ONGS e equilibrar a organização desses novos empreendimentos com sua estrutura socioeconômica. “Eles sempre pensam em um projeto que possa atingir a todos, e não uma aldeia só”, explica Arruda. “Para os Rikbaktsa, o maior pecado que existe é ser sovina”, comenta.

Embora os Rikbaktsa prezem a autonomia individual, a coletividade é preponderante. Não há uma chefia centralizada; as unidades políticas básicas

*Geraldino Matsi separa penas que serão utilizadas na confecção de artesanato (esq.)*

*Oseas Pudai olha para o futuro sem abrir mão de seus costumes (dir.)*

Encontrar a harmonia entre o velho e o novo, a tradição e a contemporaneidade é o desafio aos Rikbaktsa e a sua capacidade de encontrar alegria e beleza na vida.

são os grupos familiares. Mesmo assim, há lideranças cuja influência transcende suas aldeias de origem. Em geral, são os mais velhos, de famílias numerosas. Hoje, no entanto, alguns jovens também começam a assumir um novo tipo de liderança, pelas informações que acumulam da sociedade envolvente. Na opinião de Arruda, os anciões acabam se sobrepondo em razão da força moral adquirida pelo saber e pelo exemplo de comportamento. Segundo o chefe de posto Cavalcanti, há um motivo a mais para respeitar os mais velhos: "São eles quem têm o conhecimento do veneno e do remédio." Para ressaltar o que diz, ele levanta a camisa

e aponta uma pequena cicatriz, abaixo do peito, deixada pela leishmaniose. "Olha aqui, sarou. Foi remédio deles." Empolgado, conta como uma mistura de ervas preparada por um grupo de anciões, entre eles Geraldino, curou totalmente a ferida em alguns dias.

"A gente quer ser assim, do jeito que a gente é", diz, em voz baixa, Geraldino. Encontrar a harmonia entre o velho e o novo, a tradição e a contemporaneidade, no convívio cotidiano e na relação com a sociedade envolvente, é o desafio que se põe diante dos Rikbaktsa e de sua capacidade de encontrar alegria e beleza na vida.

